

Se um vírus atravessa o curso da História

José Pedro
Teixeira Fernandes



Doenças alteraram, no passado, o curso da humanidade, da Peste Negra à gripe de 1918. Como será, agora, num tempo em que a sofisticação das sociedades está diretamente associada ao que são as novas vulnerabilidades?

1 Revoluções, guerras, inovações tecnológicas e transformações sociais são os grandes motores da história. Numa era de ciência e de tecnologia, a humanidade, pelo menos nas partes desenvolvidas do mundo, quase esqueceu que o rumo da história nem sempre resulta da ação humana e que o imprevisível pode atormentá-la. Veja-se o vírus SARS-CoV-2 (que origina a Covid-19), identificado em seres humanos na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei. Com a China amplamente inserida na economia global, o que poderia ter sido um surto localizado nesse país e nas regiões limítrofes espalhou-se depressa pelo mundo, afetando múltiplos países. O novo coronavírus originou uma pandemia.

2 No passado há casos de epidemias e pandemias que devastaram populações em massa e afetaram o rumo da história. Na Europa do século XIV, a Peste Negra, causada por uma bactéria, teve efeitos terríveis. Terá surgido na Ásia e chegado à Europa pela Rota da Seda. O impacto na demografia europeia foi tremendo. Estima-se que pelo menos 30% da população europeia terá perecido. Nos séculos seguintes, nos primórdios da globalização, as viagens marítimas de portugueses e espanhóis estiveram na origem de epidemias arrasadoras, também entre as populações nativas das Américas. Doenças como a varíola e o sarampo, até então inexistentes nessa parte do mundo, devastaram os povos indígenas. O Império Asteca é, provavelmente, o caso mais impressionante: mais do que pelas ações militares dos conquistadores espanhóis, foi dizimado pela varíola em meados do século XVI. Mas o impacto mais significativo na história humana foi provocado há cem anos.

3 Na primavera de 1918, a gripe pneumónica espalhou-se pelo mundo. Na “Ilustração Portuguesa” n.º 662 (outubro de 1918) pode ler-se o seguinte, acerca da gravidade que a epidemia começou por ter em Espanha: “Os zeladores da saúde pública no país vizinho exigem os máximos cuidados na fronteira impedindo a entrada dos portugueses, porque podem ser o veículo do morbo que ali se instalou e que, segundo todas as probabilidades, de lá importamos. (...) Inoportunamente trancam as autoridades espanholas as portas, por um excesso de zelo que nunca atribuímos a má vontade contra nós e que não enfraquecem a cordialidade das relações entre os dois países. Conhecendo, como conhecemos, a índole dos nossos vizinhos, não vemos razão para nos ofendermos”. Ironia à parte, a gripe provocou dezenas de milhões de mortes e criou tensões entre países tentando parar o vírus nas fronteiras. Terá acelerado o fim da Primeira Guerra Mundial (um paradoxal impacto benévolo), ao enfraquecer o esforço de guerra dos beligerantes, e terá tido repercussões de algum tipo na paz, com vários delegados da Conferência de Paris infetados pelo *influenza*. Pelos graves danos provocados no tecido social e económico, foi um duplicador de destruição da guerra.

4 Comparando com o passado, o problema com a Covid-19 é menor nos seres humanos e maior nos danos na economia. Mesmo não havendo ainda vacina, há outros meios na medicina e cuidados na saúde pública. A morte não tem a “naturalidade” de há cem anos. Mas há outra realidade muito mais complexa no grau de integração e sofisticação das sociedades, que gera novas vulnerabilidades. Com a integração global das cadeias de produção e abastecimento, o encurtar das distâncias pelos modernos meios de transporte e uma elevada mobilidade da população, os impactos sentem-se muito rapidamente. A maioria das perdas económicas não é causada pelo vírus em si mesmo. Decorrem, sobretudo, do medo gerado na população (que, na era da sociedade em rede, se propaga a uma velocidade maior do que o vírus) e das medidas tomadas para o conter. O paradoxo da humanidade é que a sofisticação da sua forma de vida traz inesperadas e terríveis vulnerabilidades. Se a história nos ensina alguma coisa é que o medo e a fragilidade humana são uma constante ineludível.